

# ES, corredor do Brasil

Paulo Augusto Vivácqua



O Espírito Santo já pode se considerar incluído no novo mapa da economia mundial. Com a adesão da Rede Ferroviária Federal ao consórcio do Corredor de Transportes Centroleste, colocamos, enfim, a bitola que faltava para que o trem voltasse abarrotado de alimentos, a correr nos trilhos.

Trago em mim um sentimento de satisfação e alívio. Satisfação por ver se concretizar um projeto ao qual toda a equipe da Secretaria de Desenvolvimento do Estado deu seu sangue e, por que não dizer, sua alma. Alívio, por ver afastado, definitivamente, o risco de o sonho virar fumaça. O Governo Albuíno Azeredo deixa para o Espírito Santo um futuro. Futuro esse que não pertence a nenhuma administração: o legado é do Estado.

A batalha foi dura. Passo a passo, quilômetro a quilômetro. Tivemos que vencer divergências, resistências, preconceitos, desconfianças. Compatibilizamos o aparentemente incompatível, enfrentamos

diálogos de surdos, costumamos interesses, à primeira vista conflitantes. Tornamos possível o que parecia ser impossível. O resultado está aí: o Corredor Centroleste é uma realidade e terá continuidade.

Tínhamos, é verdade, um ponto de partida poderoso. Linhas férreas numa extensão de 1.800 quilômetros. Linhas semimortas. Ativá-las, porém, era, mais que uma inicitiva de bom-senso, uma questão de respeito. Respeito pelo Estado, respeito pela região, respeito pelo cidadão. Respeito sobretudo pelos milhões de desempregados e famintos, desse país que carece de recursos para crescer e que não pode desperdiçar milhões de toneladas/ano de alimentos por falta de transporte.

Procuramos e encontramos parceiros à empreitada. Sabíamos que a ferrovia que poderia integrar o Cerrado ao Litoral dependia de entendimento, negociação, consciência. Sabíamos que tinha contra si forças poderosas que não partilhavam das mesmas idéias, não comungavam da mesma cartilha.

A despeito dessas forças tão poderosas, que foram capazes de manter ocioso imenso capital que tanto sacrifício custou à nação, o Corredor Centroleste vingou. Vingou porque não está ligado a esta ou aquela ideologia. Vingou por-

que não consta de cartilhas. Vingou porque é a expressão fiel da vocação do Espírito Santo.

Agentes econômicos, cujas atividades eram umbilicalmente ligadas ao exacerbado modelo rodoviário, que impõem ao Brasil um dos maiores custos de transportes do mundo, temiam perder negócios. Aqueles cuja cultura estava aprisionada ao corporativismo que contamina a administração federal. Igualmente, temiam perder poder. Entretanto, o que vemos é a vitória do interesse da coletividade.

Sete governadores, liderados pelo governador Albuíno Azeredo, sentaram para conversar. Tinham, em comum, a convicção de que poderiam contribuir para o fim do desperdício e para a valorização de nossas riquezas. Assim o fizeram. Deram a largada no Corredor, um projeto de desenvolvimento econômico sustentável; um esforço de integração regional, combinatório, complementar.

Ao viabilizar o escoamento de minérios e produtos agrícolas e mercadorias, o Corredor Centroleste cria mercado. Transforma a produção em bem econômico. Confere valor. Aproxima produtor e consumidor. Acima de tudo, cria empregos, milhões de empregos.

Para os capixabas, em particular, o Corredor Centroleste não só so-

ma riquezas, mas transforma potencial em realidade. Mangas arraçadas, mãos à obra. Vitória, com seu porto em efervescência, cresce em qualidade para todos os lados.

Com a regionalização dos portos, a União, atual acionista, é substituída pelos sete Estados possuidores do mercado, ligando, definitivamente, suas economias ao complexo portuário. Ao longo dos trilhos do Corredor Centroleste, o desemprego dá lugar ao emprego. Em torno do complexo portuário, multiplicam-se oportunidades de negócios, interesses de investidores.

Estou convencido de que esta - e só esta - é a função do Estado. Criar condições, estimular, viabilizar. O resto o mercado faz, como já comprovamos no consórcio que administra o Corredor, que soma o poder de mobilização do Governo com a força do investimento privado.

Vitória, objeto-primeiro de nossos esforços, é meio e fim. Por ela tudo passa, nela tudo chega. Ponte para o comércio exterior da região, abriga, une, dissemina. Vitória está pronta para se consolidar como Capital financeira do Centroleste. Através dela, o interior do Brasil fica mais perto do mundo.

**Paulo Augusto Vivácqua é secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico**